

TOM HOLLAND

AUTOR BESTSELLER E MULTIPREMIADO

# DINASTIA

ASCENSÃO E QUEDA DA  
CASA DE CÉSAR

«Uma maravilhosa narrativa que deve ser lida por todos os que se interessam por história, política e natureza humana — e que nunca foi tão bem contada.»

Boris Johnson, *Mail on Sunday*

v o c a r s

# ÍNDICE

Agradecimentos	9
Lista de Mapas	11
Prefácio	15
I PADRONE	33
1 Os filhos da loba	35
2 Regresso ao futuro	61
3 A exaustão da crueldade	131
II COSA NOSTRA	211
4 O último romano	213
5 Deixem que me odeiem	287
6 Io Saturnalia!	323
7 Mas que artista	371
Cronologia	447
Dramatis Personae	453
Notas	463
Bibliografia	487
Índice Remissivo	501

Para a Katy  
«at simul heroum laudes et facta parentis  
iam legere...»

## AGRADECIMENTOS

Como em todos os meus livros, tenho uma enorme dívida de gratidão para com muitas pessoas, pela sua ajuda. Agradeço aos meus vários editores, Richard Beswick, Gerry Howard, Frits van der Meij e Christoph Selzer, pelo seu apoio, colaboração e conselhos. A Ian Hunt, pelo cuidado e paciência com que desembaraçou os nós do meu manuscrito — mapas, cronologias, notas e tudo o mais. A Susan de Soissons, a melhor e mais carinhosa diretora de publicidade que um escritor pode desejar. A Patrick Walsh, o melhor dos agentes, e a todos na Conville and Walsh. A Guy de la Bédoyère, Paul Cartledge, Catharine Edwards, Llewelyn Morgan e Andrew Wallace-Hadrill, por terem generosamente iluminado o meu manuscrito com os seus conhecimentos, expondo alguns erros. A Dan Snow, que mais do que compensou o ter-me distraído da política do século I durante a campanha pelo referendo pela independência da Escócia em 2014, com a leitura da primeira versão de *Dinastia*, com um efeito de inestimável valor. A Jamie Muir, que (como tem feito desde que escrevi *Rubição: o Triunfo e a Tragédia da República Romana*) leu cada capítulo à medida que os ia imprimindo — e ainda se dispôs a ir mais além, acompanhando-me até às profundezas da Floresta de Teutoburgo. A Gareth Blayney, pelas suas maravilhosas ilustrações da Roma antiga, e por ter oferecido todo o seu talento para a elaboração da capa deste livro\*. A Sophie Hay, pela sua bondade, generosidade e entusiasmo, pelas suas fotografias, a sua companhia na viagem para Nemi e Spelunca, e o seu cuidadoso acompanhamento da evolução do avatar do meu Twitter. A Laura Jeffrey, pelo sincero prazer com que

---

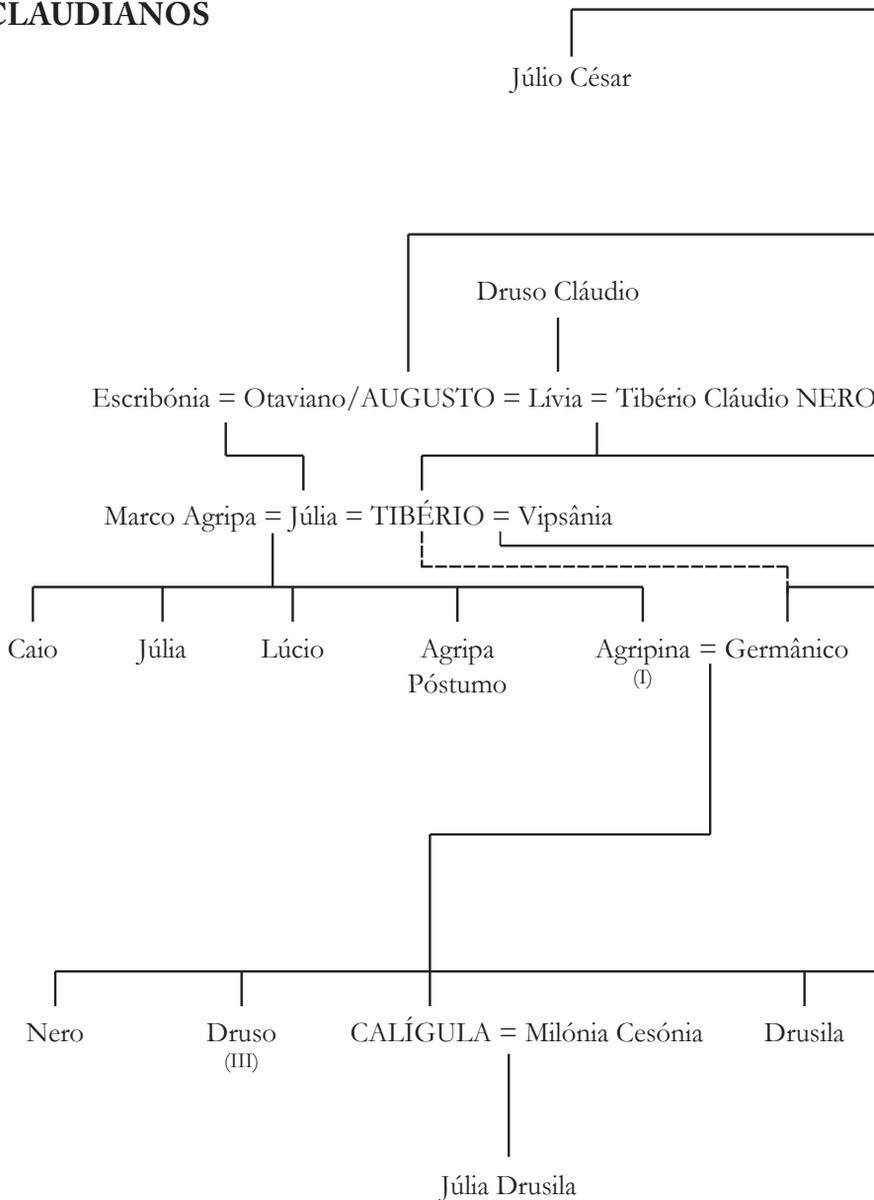
\* O autor refere-se à capa da edição original de capa dura. [N. do E.]

investigou os luxuosos barcos de Calígula. A Stephen Key, pela forma abnegada como nos conduziu, a Sophie, a Laura e a mim, pelas estradas entre Roma, Nemi e Spelunca. A Mattia Buondonno, pela sua hospitalidade exuberante em Pompeia. A Charlie Campbell, por me ter dado a oportunidade de fazer um «três em um», jogar *bowling* com o príncipe herdeiro de Udaipur, jogar críquete no Lord's, e fazer-me sentir o que seria estar na posição de Augusto. Aos meus gatos, *Edith* e *Tostig*, por apenas periodicamente se sentarem no teclado. À minha querida mulher, Sadie, por ter vivido nestes últimos anos com os Césares e comigo. À minha filha mais nova, Eliza, por ter (e tão perversamente) escolhido Nerva como o seu imperador preferido. À minha filha mais velha, Katy, a quem, com todo o meu amor, dedico este livro.

## M A P A S

O Mundo Romano em 44 a.C.	30
O Centro de Roma	39
Itália	79
A Roma de Augusto	115
Germânia	179
O Leste	237
A Baía de Nápoles	263
Gália e Britânia	346
A Roma de Nero	412
Grécia	425
O Mundo Romano em 69	444

# OS JULIANOS E OS CLAUDIANOS





## PREFÁCIO

Ano 40. Primórdios do ano. Caio Júlio César Augusto Germânico está sentado numa plataforma elevada junto ao Oceano. Olha o mar, enquanto as ondas rebentam na costa e uma maresia paira no ar. Ao longo dos anos, muitos navios romanos se perderam nas suas profundezas. Diz-se que monstros estranhos se escondem nas suas águas cinzentas e que, para lá do horizonte, existe uma ilha repleta de selvagens de bigode caçadores de cabeças: a Britânia. Perigos como estes, à espreita nas próprias margens da civilização, estão aptos a desafiar o herói mais ousado e com a mais férrea vontade.

Mas a história do povo romano sempre teve sobre si uma aura de epopeia. Os Romanos emergiram da obscuridade sombria e provincial para o comando do mundo: um feito inigualável na história. Repetidamente julgada, repetidamente a sobreviver triunfante, Roma preparou-se bem para o domínio global. Agora, 792 anos depois da sua fundação, o homem que considera como seu imperador detém um poder digno de um deus. A seu lado, alinhadas na praia do norte, estão fileira após fileira das forças de combate mais temíveis do planeta: legionários de armadura, catapultas, artilharia de campanha. O imperador Caio analisa a sua extensão. Dá ordem de comando. De imediato, ouvem-se as trombetas estridentes. É o sinal para a batalha. Depois, silêncio. O imperador eleva a voz. «Soldados!», grita. «Ordeno-vos que apanhem conchas. Encham os vossos capacetes com os despojos do oceano.»<sup>1</sup> E os legionários, obedecendo à ordem do seu imperador, assim o fazem.

Essa é, pelo menos, a história que se conta. Mas será verdade? Será que os soldados apanharam realmente conchas? E se o fizeram, qual

foi a razão? Este é um dos episódios mais famosos na vida de um homem cuja carreira permanece até hoje como algo de infame. Calígula, o nome pelo qual o imperador Caio é mais conhecido, é uma das poucas figuras da história antiga conhecida tanto por pornógrafos como por classicistas. Os pormenores escandalosos do seu reinado provocaram sempre um fascínio lascivo. «Chega de imperador; passemos ao monstro.»<sup>2</sup> Assim escreveu Caio Suetónio Tranquilo, um estudioso e arquivista no palácio imperial, e biógrafo dos Césares nos seus tempos livres, cuja vida de Calígula é a mais antiga que possuímos. Escrita quase um século depois da morte do imperador, cataloga uma série de depravações e crimes bastante sensacionalistas. Dormia com as irmãs! Vestia-se como a deusa Vénus! Planeou conceder ao seu cavalo a mais alta magistratura de Roma! Perante tais façanhas, o comportamento de Calígula na costa do Canal deixa de parecer tão surpreendente. Suetónio certamente não teve nenhum problema em explicar o seu comportamento: «Ele estava doente no corpo e na mente.»<sup>3</sup>

Mas se Calígula estava doente, então Roma também estava. Os poderes que um imperador tinha sobre a vida e a morte teriam sido abomináveis para uma geração anterior. Quase um século antes de Calígula ter reunido as suas legiões nas margens do Oceano e olhado para a Britânia, o seu tetra tio-avô tinha feito o mesmo — e, depois, na verdade, atravessado o Canal. As façanhas de Caio Júlio César tinham sido tão espetaculares quanto outras na história da sua cidade: não apenas duas invasões da Britânia, mas a anexação permanente da Gália, como os Romanos chamavam ao que hoje é a França. Porém, tinha alcançado os seus feitos como cidadão de uma república — em que era dado como certo pela maioria que a morte era a única e concebível alternativa à liberdade. Quando Júlio César, pisoteando esta presunção, reclamou a primazia sobre os seus concidadãos, deu origem, primeiro, a uma guerra civil, e, mais tarde, depois de ter esmagado os seus inimigos domésticos como tinha feito com os gauleses, ao seu próprio assassinato. Só depois de mais dois episódios de massacres sangrentos pôde o povo romano, finalmente, acostumar-se à sua servidão. A submissão ao domínio de um único homem tinha resgatado a sua cidade e o seu império da autodestruição — mas a própria cura tinha sido uma espécie de doença.

Augusto, o seu novo senhor, intitulava-se «o favorito dos deuses». Sobrinho-neto de Júlio César, tinha garantido o comando de Roma e do seu império através do derramamento de sangue e depois — após livrar-se dos seus rivais —, friamente, adotou a postura de um príncipe da paz. Tão astuto quanto cruel, tão paciente quanto decisivo, Augusto conseguiu manter a sua supremacia ao longo de décadas, morrendo na sua cama. A chave para tal conquista tinha sido a sua capacidade de governar com e não contra a essência da tradição romana: ao fingir não ser um autocrata, levou os seus concidadãos a acreditar que ainda eram livres. Um sedutor véu de subtileza cintilante tinha sido drapeado sobre os contornos mais duros do seu domínio. Porém, o tempo encarregar-se-ia de tornar este véu cada vez mais fino. Com a morte de Augusto, no ano 14, os poderes que ele tinha acumulado ao longo da sua longa e falsa carreira seriam revelados, não como expedientes temporários, mas sim como um pacote preparado para ser entregue a um herdeiro. O sucessor por si escolhido era um homem criado desde a infância na sua própria casa, um aristocrata chamado Tibério. As muitas qualidades do novo César, que iam de uma origem aristocrática exemplar ao registo de um trajeto como o melhor general de Roma, tinham contado menos do que o seu estatuto de filho adotivo de Augusto — e todos sabiam disso.

Tibério, um homem que sempre viveu comprometido com as virtudes da República desaparecida, foi um monarca infeliz; mas Calígula, que lhe sucedeu após um reinado de 23 anos, não tinha esses constrangimentos. Governar o mundo romano não em virtude da idade ou da experiência, mas por ser o bisneto de Augusto, não o incomodava minimamente. «A natureza, na minha opinião, produziu-o para demonstrar quão longe a depravação sem limites pode chegar quando combinada com o poder ilimitado.»<sup>4</sup> Este foi o obituário que Séneca, um filósofo que o conheceu bem, lhe atribuiu. No entanto, o julgamento não foi apenas acerca de Calígula, mas dos próprios pares de Séneca, que se tinham submetido e humilhado diante do Imperador enquanto ele viveu, e sobre o povo romano como um todo. Aqueles foram tempos de podridão: doentes, aviltados, degradados.

Ou assim muitos acreditavam. Nem todos concordavam. O regime estabelecido por Augusto nunca teria resistido se tivesse falhado

em proporcionar o que o povo romano tão desesperadamente ansiava após décadas de guerra civil: paz e ordem. A grande aglomeração de províncias governadas por Roma, que se estendiam desde o Mar do Norte ao Deserto do Sara e do Atlântico ao Crescente Fértil, também beneficiaram. Três séculos depois, quando a natividade do mais célebre homem nascido no reinado de Augusto se tornou infinitamente mais clara do que tinha sido na época, um bispo chamado Eusébio viu nas realizações do Imperador a orientadora mão de Deus. «Não foi apenas como consequência da ação humana», declarou, «que a maior parte do mundo ficou sob o domínio romano no preciso momento em que Jesus nasceu. A coincidência que viu o nosso Salvador começar a sua missão contra tal cenário foi inegavelmente organizada pela intercessão divina. Afinal de contas, se o mundo ainda estivesse em guerra, e não unido sob uma única forma de governo, bem mais difícil teria sido para os discípulos empreenderem as suas viagens.»<sup>5</sup>

Eusébio conseguiu ver, numa perspectiva distanciada, o quão impressionante foi o feito da globalização levado a cabo por Augusto e os seus sucessores. Por mais brutais que tenham sido os métodos usados para a defender, a imensidão das regiões pacificadas pelas armas romanas não tinha precedentes. «Aceitar um presente», dizia um antigo ditado, «é vender a liberdade.» Roma taxava as suas conquistas; mas a paz concedida em troca não deve ser necessariamente desprezada. Fosse nos subúrbios da própria capital, que sob os Césares cresceu ao ponto de se tornar na maior cidade que o mundo já tinha visto, ou em toda a extensão do Mediterrâneo, unida agora pela primeira vez sob uma única potência, ou nos cantos mais afastados de um império cujo alcance global não tinha precedentes, a *pax romana* trouxera benefícios a milhões de pessoas. Os habitantes das províncias bem podiam estar gratos. «Ele limpou o mar de piratas, e encheu-o com navios mercantes.» Assim escreveu um judeu da grande metrópole egípcia de Alexandria, entusiasmado, em louvor de Augusto. «Ele deu a liberdade a cada cidade, trouxe ordem onde havia caos, e civilizou os povos selvagens.»<sup>6</sup> Hinos similares de louvor terão sido — e foram — dirigidos a Tibério e a Calígula. As depravações pelas quais os dois acabariam por se tornar famosos, raramente tiveram grande impacto no mundo em geral. Nas províncias, pouco

importava quem governava como imperador — desde que o centro do Império se mantivesse.

No entanto, mesmo nos lugares mais distantes do Império, César era uma presença constante. Como poderia não ser? «Em todo o mundo, não há nada que lhe escape.»<sup>7</sup> Um exagero, é claro — e, contudo, o devido reflexo do medo misturado com o temor que um imperador dificilmente deixava de suscitar nos seus súbditos. Era ele quem detinha o monopólio do comando da violência de Roma: as legiões e todo o ameaçador aparato do governo provincial, que existiam para garantir que os impostos eram pagos, os rebeldes massacrados e os malfeitores atirados às feras ou crucificados. Não era necessário que o imperador mostrasse constantemente a sua mão para que o medo ao seu poder arbitrário fosse universal em todo o mundo. Não admira, por isso, que o rosto de César se tenha tornado para os milhões dos seus súbditos o rosto de Roma. Rara era a cidade que não possuía alguma imagem dele: uma estátua, um busto, um friso. Mesmo na mais distante e diminuta província, lidar com dinheiro era uma forma de estar familiarizado com o perfil de César. Durante a vida de Augusto, nenhum cidadão vivo aparecera em qualquer moeda romana; mas logo que assumiu o controlo do mundo, rapidamente o seu rosto passou a ser cunhado em todos os lugares, estampado em ouro, prata e bronze.\* «Que rosto e inscrição são estes?» Até mesmo um pregador de rua itinerante, nos confins da Galileia, que erguesse uma moeda nos dedos e perguntasse qual era o rosto nela retratado, poderia confiar que a resposta seria: «César.»<sup>8</sup>

Assim, não surpreende que o caráter de um imperador, as suas realizações, os seus relacionamentos e as suas fraquezas fossem temas que fascinassem os seus súbditos de forma obsessiva. «O seu destino é viver como num teatro onde o seu público é o mundo inteiro.»<sup>9</sup> Tal era a advertência atribuída por um historiador Romano a Mecenas, um confidente no qual Augusto confiava de forma particular. Tenha-o ou não dito, tal sentimento era verdade quanto à pura teatralidade da performance do seu senhor. Segundo Suetónio, o próprio Augusto, dei-

---

\* O mais antigo retrato de um romano vivo numa moeda romana parece ter sido de Júlio César. Foi cunhada em 44 a.C. — o ano, não por coincidência, do seu assassinato.

tado no seu leito de morte, terá perguntado aos seus amigos se tinha desempenhado bem o seu papel na comédia da vida; e, em seguida, depois de ser assegurado de que assim tinha sido, teria exigido aplausos para a sua partida. Um bom imperador não tinha outra opção que não ser também um bom ator — assim como todos os outros que pertenciam ao elenco. César, afinal, nunca estava sozinho no palco. Os seus potenciais sucessores eram figuras públicas pelo simples facto de se relacionarem com ele. Até mesmo a mulher, a sobrinha ou a neta de um imperador podiam ter o seu papel a desempenhar. Se falhassem, poderiam pagar um preço terrível; mas se tivessem sucesso, o seu rosto podia acabar por aparecer em moedas ao lado do próprio César. Nenhuma família na história havia alguma vez sido escrutinada como a de Augusto. As modas e os penteados dos seus membros mais proeminentes, reproduzidos com requintados pormenores por escultores por todo o Império, definiam tendências da Síria à Espanha. Os seus feitos eram comemorados com monumentos espetacularmente vistosos, e os seus escândalos repetidos com deleite de porto em porto. A propaganda e os mexericos, que se alimentavam mutuamente, deram à dinastia de Augusto uma celebridade que pode classificar-se, pela primeira vez, como continental.

Porém, até que ponto todos os alardeados créditos vistosamente esculpidos em mármore e todos os rumores sussurrados nos mercados e botequins se aproximavam do que realmente se passava no palácio de César? É certo que, no momento em que Suetónio escreveu as suas biografias dos imperadores, não havia falta de material ao qual recorrer. Havia de tudo: desde inscrições oficiais a mexericos deturpadores. Contudo, quando os analistas mais perspicazes tentaram dar algum sentido a Augusto e aos seus herdeiros, reconheciam que no coração da história da dinastia existia uma área obscura que ridicularizava e desafiava os seus esforços. Em tempos, durante a República, os assuntos de Estado eram debatidos em público, e os discursos dos líderes de Roma eram transcritos para que os historiadores os estudassem; mas com a chegada de Augusto ao poder, tudo isso tinha mudado. «Pois, a partir de então, as coisas começaram a ser feitas de forma secreta, e de tal forma que não eram tornadas públicas.»<sup>10</sup> Sim, os antigos ritmos do ano político, o ciclo anual de eleições e as magistraturas que em

tempos, nos dias da República, tinham proporcionado a ambiciosos Romanos uma genuína oportunidade para influenciar o destino da sua cidade, ainda persistiam — mas como um espetáculo em grande parte irrelevante. A cadeira do poder estava agora noutro lugar. O mundo passou a ser governado, não em assembleias dos grandes e bons, mas em aposentos privados. Os sussurros de uma mulher no ouvido de um imperador, um documento discretamente entregue por um escravo, qualquer deles podia ter um impacto maior do que a mais altissonante oratória pública. A implicação, para qualquer biógrafo dos Césares, era sombria, mas inevitável: «Mesmo quando se trata de acontecimentos importantes, estamos às escuras.»<sup>11</sup>

O historiador que fez esta advertência, embora um contemporâneo próximo de Suetónio, era-lhe incomensuravelmente superior como patologista da autocracia — na verdade, talvez o maior que já existiu. Cornélio Tácito conseguia ter uma profunda compreensão de como Roma e o seu império funcionavam. Ao longo de uma carreira brilhante, interveio nos tribunais, governou províncias, e exerceu as mais altas magistraturas a que um cidadão poderia aspirar; mas também demonstrou um sagaz, se bem que inglório, instinto de sobrevivência. A dinastia que governava Roma no seu tempo já não era a de Augusto, que tinha expirado no meio de um caos de sangue no ano 68 — mas nem por isso era potencialmente menos assassina. Ao invés de se manifestar contra os seus excessos, Tácito tinha optado por manter a cabeça baixa e desviar o olhar. Os crimes de omissão, nos quais se sentia ele próprio cúmplice, parecem nunca ter deixado a sua consciência por completo. Quanto mais se distanciava da vida pública, mais obsessivamente procurava sondar as profundezas do regime sob o qual fora obrigado a viver, e acompanhar a sua evolução. Primeiro, narrou os acontecimentos da sua juventude e idade adulta; e, em seguida, no seu trabalho final e maior, a história que desde o século XVI é conhecida como *Os Anais*, pousou o seu olhar sobre a dinastia de Augusto. Quanto a Augusto e à sua fatídica primazia, Tácito optou apenas por uma análise mais oblíqua: concentrando-se, não sobre o homem, mas nos seus herdeiros. Sucessivamente, quatro Césares ocupariam o centro do palco: primeiro, Tibério; depois, Calígula; em seguida, o tio de Calígula, Cláudio; e, por fim, Nero, o último governante da dinastia,

que era tetraneto de Augusto. A sua morte marcaria o fim da linhagem. Uma e outra vez, os membros da família imperial viriam a ter um final funesto. No ano 68, não havia um único descendente de Augusto vivo. Era esta a dimensão da história que Tácito tinha para contar.

E, outra coisa ainda: o desafio de contar a história em si. De forma mordaz, no primeiro parágrafo de *Os Anais*, Tácito expôs o problema. «As histórias de Tibério e Calígula, de Cláudio e Nero, foram falsificadas enquanto eles viveram, devido ao medo. E em seguida, depois das suas mortes, foram elaboradas sob a influência de ódios ainda purulentos.»<sup>12</sup> Assim, só a investigação mais diligente e o estudo mais objetivo seria bem-sucedido. Esforçando-se meticulosamente no estudo dos registos oficiais do reinado de cada imperador, Tácito assegurou-se igualmente de nunca confiar neles em absoluto.\* As palavras, no tempo dos Césares, tornaram-se escorregadias, traiçoeiras. «Era uma época contaminada, degradada pela sua bajulação.»<sup>13</sup> Este juízo desolado, gerado pela sua experiência pessoal, garantiu que o amargo ceticismo de Tácito acabasse por corroer tudo aquilo em que tocava. Em *Os Anais*, não descreve um César que alegasse agir no melhor interesse do povo romano, mas sim um hipócrita; nem que tenha tentado permanecer fiel às tradições da cidade, mas sim uma farsa; nenhum sentimento verdadeiro, mas sim mentiras. A história de Roma é retratada como um pesadelo, assombrado pelo terror e pelo sangue, do qual os seus cidadãos não conseguem despertar. É um retrato de despotismo que muitas gerações subsequentes, que testemunharam a diminuição das suas liberdades, viriam rapidamente a reconhecer. Onde quer que uma tirania se constitua sobre as ruínas de uma ordem anteriormente livre, e sempre que é utilizada uma capciosa propaganda para mascarar os crimes sancionados pelo Estado, isso é recordado. A dinastia de Augusto continua a ser a definição da aparência do poder autocrático.

Assim, não surpreende que assombre a imaginação pública. Quando as pessoas pensam na Roma imperial, é provável que seja a cidade

---

\* A recente descoberta em Espanha de um decreto emitido no tempo de Tibério lançou uma luz intrigante sobre os métodos de Tácito. Não podem restar dúvidas de que ele tinha um conhecimento pormenorizado do seu texto; nem de que ele tenha apreciado plenamente o grau em que nele expressa, não a verdade, mas sim o que aqueles que o tinham composto queriam que fosse considerado verdade.

dos primeiros Césares a que lhes vem à mente. Não há nenhum outro período da história antiga que se compare, em inquietante e puro fascínio, à galeria das suas personagens principais. O seu escabroso *glamour* resultou em eles próprios se tornarem os arquétipos de dinastias violentas e assassinas. Monstros, como os que encontramos nas páginas de Tácito e Suetónio, parecem saídos de um romance fantástico ou de uma série de televisão: Tibério, desagradável, paranoico e com um gosto particular em ter os seus testículos lambidos por jovens rapazes, nas piscinas; Calígula, que lamentava que o povo romano não tivesse um único pescoço, para que o pudesse cortar de um só golpe; Agripina, a mãe de Nero, cujas manobras levaram o filho ao poder, acabaria por morrer por ordem dele; Nero, que pontapeou a mulher grávida até à morte, que se casou com um eunuco, e que ergueu um palácio do prazer no centro dos escombros de uma Roma destruída pelo fogo. Para os que gostam das narrativas de traições dinásticas, temperadas com veneno e perversões exóticas extremas, esta história parece ter tudo. Matriarcas assassinas, casais poderosos incestuosos, machos submissos e oprimidos que, no entanto, acabam por exercer o poder sobre a vida e a morte: todos estes elementos de dramas recentes podem ser encontrados nas fontes da época. Os nomes dos primeiros césares, mais do que em qualquer outra dinastia, continuam a ser conhecidos. A sua celebridade mantém-se.

Pode facilmente admitir-se que tudo isto possa ter causado algum embaraço aos historiadores dessa época. Relatos de envenenamentos e depravação, precisamente por serem tão melodramáticos, tendem a fazê-los sentirem-se desconfortáveis. Afinal, quanto mais sensacional é a narrativa, mais suscetível é de não parecer plausível. A verdade das alegações apresentadas contra os Júlio-Claudianos — como a dinastia de Augusto é convencionalmente conhecida pelos estudiosos — tem, por esta razão e desde há muito, provocado desacordo. Poderia Calígula, por exemplo, ter sido realmente tão louco quanto Suetónio e outros autores antigos alegaram? Talvez, ao invés de insanas, as suas maiores extravagâncias tenham sido simplesmente adulteradas quando foram transmitidas? Seria possível, por exemplo, que por detrás da loucura aparente da sua ordem para apanhar conchas houvesse, de facto, uma explicação perfeitamente racional? Muitos estudiosos o têm sugerido.

Ao longo dos tempos, têm sido propostas muitas teorias. Talvez — apesar de nenhuma fonte o mencionar — tenha havido um motim, e Calígula estivesse a punir os seus soldados, dando-lhes uma tarefa humilhante? Ou talvez quisesse que eles procurassem pérolas, ou então conchas que poderia vir a utilizar como elementos decorativos em fontes? Ou, quiçá, «concha» fosse usada por Calígula no seu étimo latino, significando algo completamente diferente: uma espécie de barco, ou até mesmo os órgãos genitais de uma prostituta? Qualquer uma destas sugestões é possível; nenhuma delas é definitiva. Como um sonho vívido, o episódio parece assombrado pelo sentimento de alguma lógica incompreensível, algum significado que todos os nossos esforços para o compreender se veem condenados a nunca o entenderem completamente. Assim é o que nos frustra, muitas vezes, na história antiga: haver coisas das quais nunca se tem absoluta certeza.

Nenhuma delas deve necessariamente ser motivo de desespero. As incógnitas conhecidas não deixam de ter valor para os historiadores dos primeiros Césares. A questão sobre o que é que Calígula pretendia exatamente naquela praia gaulesa nunca será resolvida de forma decisiva; mas o que sabemos com certeza é que os historiadores romanos não sentiram que fosse particularmente necessária uma explicação. Assumiam que ordenar aos soldados que apanhassem conchas era o tipo de coisas que um imperador mau e louco faria. As histórias que se contaram de Calígula — que insultou os deuses, que tinha prazer na crueldade, que se deleitava com todo o tipo de desvios sexuais — não eram exclusivas dele. Em vez disso, eram parte dos rumores quotidianos que surgiam sempre que um César ofendia as virtudes da época. «Deixai as horrendas sombras sozinhas, escondidas no seu abismo de vergonha»<sup>14</sup>: esta exortação, feita por um antologista dado a melhorar as narrativas durante o reinado de Tibério, era uma que poucos dos seus concidadãos se mostraram inclinados a seguir. Adoravam demasiado os mexericos. Os episódios que se contavam da dinastia imperial espelhavam os mais profundos preconceitos e terrores de quem as contava, transportando-nos para o cerne da psique romana. É por isso que qualquer estudo da dinastia de Augusto nunca pode ser apenas isso, devendo também servir para algo mais: um retrato do povo romano.

É também por isso que uma narrativa histórica, abrangendo todo o período Júlio-Claudiano, oferece talvez a forma mais segura de se encontrar um caminho entre a *Cila* de uma branda credulidade e a *Caríbdis* de um ceticismo excessivamente musculado.\* É claro que nem todas as histórias contadas sobre os primeiros Césares são confiáveis; mas, de igual modo, muitas delas propiciam-nos a noção do que é provável que os tenha inspirado. Episódios anedóticos que podem parecer absolutamente fantásticos quando lidos isoladamente, com a perspectiva que uma narrativa fornece, acabam, muitas vezes, por não parecer tanto assim. A evolução da autocracia em Roma foi um empreendimento demorado e contingente. Augusto, embora classificado pelos historiadores como o primeiro imperador da cidade, nunca foi oficialmente instituído como monarca. Em vez disso, governou por força dos direitos e honras que, de forma gradativa, lhe foram concedidos. Nunca existiu nenhum procedimento formal para gerir a sucessão; e isso, por sua vez, assegurava que a cada imperador chegado ao poder lhe restavam poucas opções além de testar os limites do que podia e não podia fazer. Como resultado, a dinastia Júlio-Claudiana presidiu um longo e contínuo processo de experimentação. É por essa razão que optei neste livro pela análise da dinastia desde a sua fundação até ao seu sangrento final. O reinado de cada imperador compreende-se melhor, não nos seus próprios termos, mas no contexto daquilo que o precedeu e que a ele se seguiu.

Mais ainda porque o estudo da época, como invariavelmente acontece no que concerne à história antiga, pode assemelhar-se por vezes à frustração de ouvir rádio num carro antigo, com várias estações sempre a atropelaram-se uma às outras. Tivéssemos nós, por exemplo, o relato de Tácito das ações de Calígula naquela praia junto ao Canal — mas, infelizmente, não temos. Perdeu-se tudo o que *Os Anais* relataram

---

\* «Entre Cila e Caríbdis» é uma expressão invulgar que corresponde a «entre a espada e a parede» ou a «evitar um perigo e cair noutra maior» e que representa a sensação de se estar «num dilema, em perigo iminente, em grande dificuldade». Esta expressão deve-se a um perigo real enfrentado pelos marinheiros quando passavam no estreito de Messina, pois ao fugirem do Caríbdis (um turbilhão que aí se formava), iam muitas vezes contra Cila, um rochedo pouco distante da costa de Itália. (Dicionário de Frases Feitas, de Orlando Neves, 1991) [*N. do T.*]

acerca dos anos que decorreram entre a morte de Tibério e a primeira metade do reinado de Cláudio. Que Calígula, o membro mais célebre da sua dinastia, seja também aquele cujas fontes do seu reinado são as mais fragmentadas, não será certamente coincidência. Embora dois mil anos de repetições nos possam dar a impressão de que a narrativa da época há muito está estabelecida, em muitos casos não está. É importante, quando se estuda história antiga, reconhecer quer o que não sabemos como desafiar o que sabemos. Os leitores devem estar cientes de que grande parte das narrativas deste livro, tal como a ponte de barcas que Calígula construiu entre dois promontórios na Baía de Nápoles, abrange turbulentas profundezas. A controvérsia e a discordância são endémicas ao estudo da época. No entanto, é aí que reside o seu fascínio. Ao longo das últimas décadas, a gama e a vitalidade das pesquisas académicas sobre a dinastia Júlio-Claudiana revolucionaram a nossa compreensão desse tempo. Se este livro conseguir dar aos leitores, por pequena que seja, uma ideia de como é emocionante estudar a primeira dinastia imperial de Roma, então ele não terá falhado o seu objetivo. Dois milénios depois, os exemplos primordiais da tirania no Ocidente continuam a instruir e a intimidar.

«Nada poderia ser mais débil do que aquelas tochas que nos permitem, não romper a escuridão, mas vislumbrá-la.»<sup>15</sup> Assim escreveu Séneca, pouco antes da sua morte, no ano 65. O contexto da sua observação fora um atalho que ele tinha tomado pouco tempo antes quando, ao viajar ao longo da Baía de Nápoles, atravessou um túnel sombrio e empoeirado. «Mas que prisão foi, e demorada. Nada se lhe comparava.» Sendo um homem que tinha passado muitos anos a observar a corte imperial, Séneca sabia tudo acerca da escuridão. Calígula, ressentido com o seu brilhantismo, por pouco não era dissuadido de o condenar à morte; Cláudio, ofendido pelo seu relacionamento adúltero com uma das irmãs de Calígula, baniou-o para a Córsega; Agripina, que procurava alguém que controlasse os instintos cruéis do seu filho, nomeou-o tutor de Nero. Séneca, que acabaria por ser obrigado pelo seu antigo aluno a cortar as veias, não tinha ilusões quanto à natureza do regime que servia. Mesmo a paz que tinha trazido ao mundo, declararia, em última instância tinha sido fundada em nada mais nobre do que «no esgotamento de

crueidade.»<sup>16</sup>. Desde o seu início que o despotismo estava implícito na nova ordem.

No entanto, Séneca adorava aquilo que detestava. O desprezo pelo poder não o inibiu de se deleitar com ele. A escuridão de Roma foi iluminada pelo ouro. Dois mil anos depois, também nós, olhando para trás, para Augusto e os seus herdeiros, podemos reconhecer na sua mistura de tirania e de proezas, sadismo e *glamour*, poder luxuriante e celebridade, uma qualidade áurea tal que nenhuma dinastia desde então conseguiu igualar.

«César e o Estado são uma e a mesma coisa.»<sup>17</sup>

Como isso veio a ser assim é uma história não menos convincente, não menos notável e não menos salutar do que alguma vez foi nos últimos dois mil anos.

*Guardar, preservar e proteger o modo como as coisas estão: a paz de que usufruímos, e o nosso imperador. E quando ele tiver concluído o seu trabalho, depois de uma vida que, rogo, possa ser tão longa quanto possível, concedei-lhe a graça de ter sucessores cujos ombros se revelem suficientemente fortes para suportar a carga do nosso império global tal como foram os dele.*

Veleio Patérculo (c. 20 a.C. — c. 31 d.C.)

*A mancha dos erros cometidos por estes homens nos tempos antigos nunca desaparecerá dos livros de história. Até ao fim dos tempos, os atos monstruosos da Casa de César serão condenados.*

Claudiano (c. 370 — 404)



Oceano Atlântico

Mar do Norte

BRITÂNIA  
CATUVELAUNOS

QUERUSCOS  
ÚBIOS  
GERMÂNIA

GÁLIA

Revo

Alpes

LUSITÂNIA

ESPAÑA

CÓRSEGA

SARDENHA

ITÁLIA

Mar Adriático

• Roma

• Nápoles

Mar Mediterrâneo

SICÍLIA

Cartago

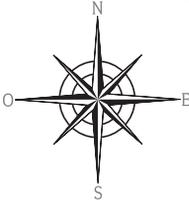
MAURITÂNIA

Montanhas do Atlas

ÁFRICA

Sara

# O MUNDO ROMANO EM 44 a.C.



0 200 400 600 800 km



I

PADRONE

## OS FILHOS DA LOBA

**A construção de uma superpotência**

A história de Roma começou com um estupro. Uma princesa, uma virgem consagrada, foi surpreendida e violada. Foram dadas várias versões do fatídico ataque. Alguns disseram que aconteceu durante o sono, quando ela sonhava que um homem de grande beleza a levava até a uma sombra na margem do rio, abandonando-a ali, perdida e sozinha. Outros diziam que ela fora apanhada no meio de uma tempestade, enquanto recolhia água num bosque sagrado. Uma das narrativas referia-se até a um misterioso falo que surgiu das cinzas da lareira real e que teria possuído, não a princesa, mas a sua escrava. Mas todos concordavam com a gravidez subsequente; e muitos — com exceção de alguns revisionistas mais conservadores — não tinham quaisquer dúvidas de que o violador era um deus.\* Marte, o Sanguinário, tinha plantado a sua semente no útero de uma mortal.

Assim, desse estupro, nasceram duas divinas crianças. Estes gémeos, a prole da vergonha da sua mãe, logo que nasceram foram lançados a um rio próximo, o Tibre. Mas os acontecimentos maravilhosos não ficaram por aí. Arrastados pelas enchentes do rio, a caixa onde tinham sido colocados os dois bebés encalhou junto a uma colina íngreme chamada Palatino. Aí, na entrada de uma caverna, protegidos da humidade gotejante pelas folhas dos ramos de uma figueira, os gémeos

---

\* Dois historiadores, Marco Otávio e Licínio Macer, afirmaram que o autor do estupro tinha sido o tio da menina, que, em seguida, «para esconder o resultado da sua ação criminoso», a matou, entregando os seus gémeos recém-nascidos a um porqueiro.

foram descobertos por uma loba; e a loba, em vez de os devorar, lambeu-os, limpando-lhes a lama, e ofereceu as suas tetas às bocas famintas. Um porqueiro que por ali passava, ao testemunhar esta milagrosa cena, desceu as escarpas do monte Palatino em seu socorro. A loba fugiu. Resgatados pelo porqueiro, os dois rapazes, a quem foram dados os nomes de Rómulo e Remo, cresceram e viriam a ser guerreiros incomparáveis. Numa dada altura, Rómulo viu doze águias a sobrevoar o monte Palatino: era um claro sinal dos deuses de que deveria fundar, no cimo da colina, a cidade que mais tarde ficaria com o seu nome. Seria ele o primeiro rei de Roma.

Em todo o caso, foi esta a história contada séculos mais tarde pelos Romanos para explicar às pessoas as origens da sua cidade e a gloriosa dimensão dos seus feitos militares. Os estrangeiros, ao ouvi-la, terão certamente achado tudo muito plausível. Que Rómulo era filho de Marte, o deus da guerra, e que fora alimentado por uma loba, possibilitava — a quem contactava com os aspetos mais negros dos seus descendentes — explicar muito do carácter romano.<sup>1</sup> Mesmo um povo como os Macedónios, que, sob Alexandre, *o Grande*, tinha conquistado um vasto império, quase até onde nasce o sol, sabia que os Romanos eram uma estirpe de homens completamente diferente de qualquer outra. Em 200 a.C., um breve confronto que com eles tiveram fora suficientemente perturbador para que regressassem a casa com tal convicção. Tinham passado mais de cinco séculos desde a era de Rómulo e, no entanto, os Romanos ainda mantinham, ou assim o sentiam os seus oponentes, algumas das qualidades impressionantes das criaturas geradas pelo mito. Os Macedónios, que recuperavam os seus mortos no campo de batalha, tinham ficado chocados com o caos que por lá descobriram. Corpos mutilados e desmembrados pelas espadas romanas tinham encharcado a terra com sangue. Braços ainda presos aos ombros, cabeças decepadas, poças fétidas com as vísceras: eram testemunho de uma violência mais bestial que humana. Não pode, pois, censurar-se os Macedónios pelo pânico sentido naquele dia, «quando descobriram o tipo de armas e o género de homens que tinham de enfrentar.»<sup>2</sup> Afinal, o pavor de lobisomens era algo natural em pessoas civilizadas. A natureza licantropa dos Romanos, a sugestão de garras por baixo das unhas e um olhar fixo e amarelado por detrás dos

seus olhos, era algo que as pessoas ao longo de todo o Mediterrâneo, e até mais longe, tinham aprendido a tomar como garantido. «Ora, se até eles admitem que os seus fundadores foram amamentados com o leite de uma loba!» Era este o grito de guerra desesperado de um rei antes de o seu reino ser, também ele, arrasado. «É de esperar que todos tenham um coração de lobo. Estão inveteradamente sedentos de sangue, e insaciáveis na sua ganância. A sua cobiça pelo poder e a riqueza não tem limites!»<sup>3</sup>

É claro que os Romanos viam as coisas de modo diferente. Acreditavam que tinham sido os deuses quem lhes concedera o domínio do mundo. Era a genialidade de Roma que dominava. Sim, pode ter havido quem se destacasse noutros campos. Quem, por exemplo, podia rivalizar com os Gregos quando se tratava de modelar o bronze ou o mármore, de mapear as estrelas ou de redigir manuais sexuais? Os Sírios foram preeminentes como dançarinos; os Caldeus destacaram-se como astrólogos; os Germanos como guarda-costas. Porém, só o povo romano possuía os talentos suficientes para conquistar e manter um império universal. Os seus feitos não admitiam discussão. Quando se tratava de poupar os submetidos, e do esmagamento dos altivos, eles reinaram de forma superior.

Acreditavam que as raízes desta grandeza provinham dos seus primórdios. «Os assuntos de Roma são fundados nos seus antigos costumes e na qualidade dos seus homens.»<sup>4</sup> Desde os primeiros tempos, que a medida das proezas da cidade tinha sido a vontade dos seus cidadãos de tudo sacrificar em prol do bem comum — até mesmo as suas vidas. Rómulo construiu uma muralha à volta da cidade que fundou, lavrou um sulco, o *pomerium*, para santificar tudo o que estava dentro dele como solo consagrado a Júpiter, rei dos deuses, mas sabia que era preciso mais para tornar Roma verdadeiramente inviolável. Foi então que Remo, o seu irmão gémeo, se ofereceu para ser sacrificado. Ao saltar a fronteira lavrada pelo seu irmão, foi derrubado com uma pá; «E, assim, com a sua morte, consagrou as fortificações da nova cidade.»<sup>5</sup> A terra e a argamassa de Roma tinham sido fertilizadas pelo sangue do filho do deus da guerra.

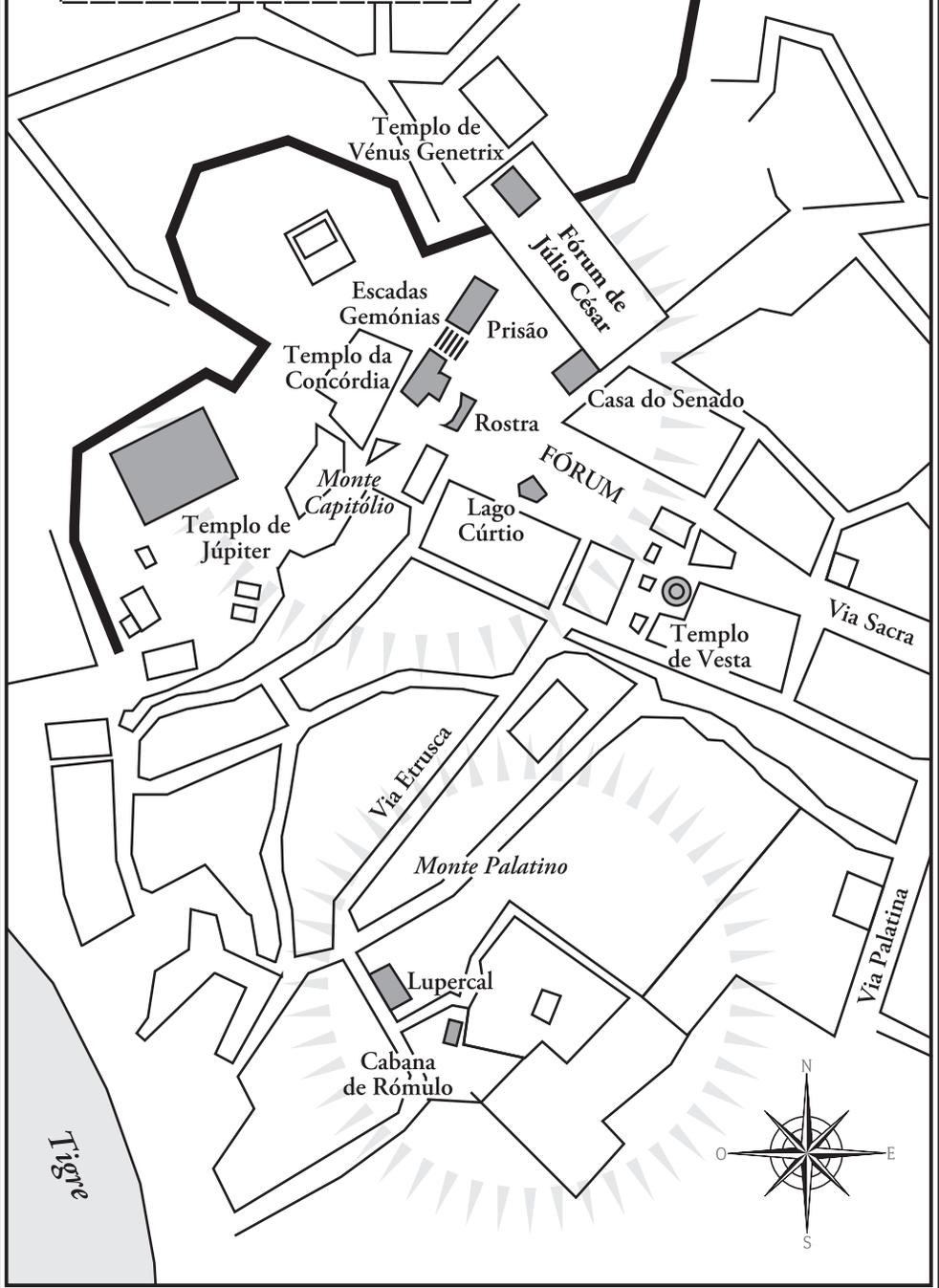
Remo foi o primeiro a morrer pelo bem da cidade, mas, por certo não o último. Cinco reis se sucederam a Rómulo no trono de Roma;

e quando o sexto, Tarquínio, *o Soberbo*, demonstrou ser um tirano cruel, mais do que merecedor do seu apelido, os seus súbditos arriscaram as suas vidas e rebelaram-se. Em 509 a.C., a monarquia terminaria definitivamente. O homem que liderou a revolta, um primo de Tarquínio chamado Bruto, obrigou o povo romano a um juramento coletivo de que «nunca mais permitiriam que um único homem reinasse em Roma.» A partir desse momento, a palavra «rei» era a mais obscena do vocabulário político. Não seriam mais súbditos, passavam a designar-se por *cives*, «cidadãos». Agora, eram livres para mostrar a sua impetuosidade. «Começaram a andar de cabeça erguida, e a exhibir as suas capacidades para delas tirarem todo o proveito — pois está na natureza dos reis que suspeitem mais dos homens bons do que dos maus, e que tenham pavor dos talentos dos outros.»<sup>6</sup> Já não havia qualquer necessidade, numa cidade libertada do olhar ciumento de um monarca, de encobrir o anseio pela glória dos seus cidadãos. A medida das verdadeiras conquistas tornara-se o louvor do povo romano. Até mesmo o mais humilde camponês, se não se visse refletido no espelho de escárnio dos seus companheiros, era obrigado a cumprir os seus deveres como cidadão, e provar que era um homem — um *vir*.

*Virtus*, a qualidade de um *vir*, era o grande ideal romano, a luminosa fusão da energia e da coragem que os Romanos identificavam como a sua força principal. Até os deuses concordavam. Em 362 a.C., um século e meio depois da queda de Tarquínio, *o Soberbo*, um preságio aterrorizador atormentou o centro de Roma. Sob o Palatino, na área correspondente ao piso pavimentado conhecido como o Fórum, abriu-se um abismo. Nada teria infundido tanto terror nos corações dos Romanos. O Fórum era o centro da vida cívica. Era onde os estadistas se dirigiam ao povo, onde os magistrados promoviam a justiça, onde os comerciantes vendiam as suas mercadorias, e onde as virgens consagradas ao serviço de Vesta, a deusa do lar, guardavam a chama eterna. Que uma porta para o submundo se abrisse num lugar tão fundamental para a vida romana, indicava claramente algo de terrível: a ira dos deuses.

E assim foi. Exigia-se um sacrifício: «a mais preciosa coisa que tiverdes.»<sup>7</sup> Mas qual era o bem mais precioso de Roma? Esta pergunta provocou muitas dúvidas até que, por fim, um jovem chamado Marco

# CENTRO DE ROMA



Cúrcio falou e disse aos seus concidadãos que a virilidade e a coragem eram as maiores riquezas do povo romano. Em seguida, vestiu uma armadura completa, montou o seu cavalo, incitou-o a seguir em frente e cavalcou até ao abismo. Galopou ao longo da sua orla e mergulharam os dois nas profundezas. O abismo fechou-se. Uma piscina e uma oliveira foram ali deixadas para assinalar o local, e respeitar a memória de um cidadão que perecera para que os seus concidadãos pudessem viver.

O povo romano tinha este ideal do bem comum em tão alta consideração que a sua designação — *res publica* — consubstanciava a síntese de todo o seu sistema de governo. Possibilitava a cada cidadão reverberar o anseio individual pela honra, poder decidir testar o corpo e o espírito no cadinho da adversidade e sair triunfante de cada calvário, e poder coexistir com um férreo sentido da disciplina. Para os vizinhos da República, as consequências de tudo isto eram invariavelmente devastadoras. Em 200 a.C., quando os Macedónios experimentaram pela primeira vez toda a selvajaria de que as legiões eram capazes, Roma já era dona e senhora do Mediterrâneo ocidental. Dois anos antes, os seus exércitos tinham desferido um golpe devastador no poder que tinha presumido poder rivalizar com ela: uma metrópole de príncipes mercadores situada na costa do Norte de África com o nome de Cartago. A vitória de Roma tinha sido memorável. A luta de morte entre as duas cidades durou, de forma intermitente, mais de 60 anos. Durante esse tempo, a guerra chegou às portas de Roma. A Itália tinha sido embebida em sangue. «A convulsiva turbulência do conflito tinha feito estremecer o mundo inteiro.»<sup>8</sup> Porém, em última análise, depois de uma provação em que outros teriam desesperadamente tentado chegar a termos, os vencedores tinham emergido tão endurecidos pela batalha que pareciam ter sido forjados em ferro. Não surpreende por isso, que até mesmo os herdeiros de Alexandre, o Grande, tenham achado ser impossível enfrentar as legiões. No Mediterrâneo oriental, vários reis foram obrigados a rastejar perante os magistrados Romanos. Perante o peso de uma república livre e disciplinada, a monarquia parecia ter sido decisivamente destituída. «As nossas emoções são regidas pelas nossas mentes.» Era desta forma severa que se informavam os embaixadores de um rei derrotado. «Estas nunca se alteram — não importa o que o destino nos reserve.

Assim como a adversidade nunca nos abateu, nunca nos deixámos empolar pelo sucesso.»<sup>9</sup>

O homem que assim falou, Públio Cornélio Cipião, estava certamente em posição de o saber. Ele era o epítome do sucesso. O seu cognome, «O Africano», era o testemunho do seu papel como conquistador do inimigo mortal de Roma. Foi ele quem arrancou Espanha do domínio dos Cartagineses, quem os derrotou no seu território, e que depois os levou a aceitar os termos mais abjetos. Alguns anos depois, no rol dos principais cidadãos do Estado, o nome de Cipião aparecia, resplandecente, no topo da lista. Esta era, para uma sociedade como a romana, uma honra como nenhuma outra. A hierarquia era uma obsessão que definia o povo romano. Todos eram oficialmente classificados de acordo com uma escala de valor. O estatuto de cidadão era calibrado com enorme precisão. A riqueza, a família e as realizações eram conjugadas para identificar onde, de forma precisa, dentro do exigente sistema de classes da República, se posicionava cada romano. Mesmo no topo da sociedade, o estatuto era ativamente escrutinado. Os cidadãos dos escalões mais altos estavam incluídos numa categoria exclusiva: o Senado. Tal exigia dos seus membros, além da riqueza e posição social, um registo de serviço como magistrados que fosse suficiente para os qualificar como árbitros do destino de Roma. As suas deliberações eram tão delicadas e tão influentes que «durante muitos séculos, nenhum senador disse em público uma palavra acerca delas.»<sup>10</sup> Como resultado, a não ser que um estadista conseguisse fazer-se ouvir junto dos conselheiros, este bem podia ser mudo. No entanto, o direito de um senador em poder falar para os seus concidadãos não era um dado adquirido. Os primeiros a participar nos debates eram sempre aqueles que, em virtude do seu nível social, estatuto moral e serviço ao Estado, tinham acumulado o maior prestígio. A *Auctoritas* — como os Romanos denominavam essa qualidade — e a República, ao posicionarem Cipião no primeiro lugar na lista dos seus cidadãos, concediam-lhe o apoio para o prodigioso peso da sua autoridade. O conquistador de Cartago tinha, por consentimento universal, «alcançado uma glória única e deslumbrante.»<sup>11</sup> Não se conhecia, mesmo nas fileiras dos maiores triunfadores de Roma, quem pudesse rivalizar com Cipião, o *Africano*. Ele era o *Princeps Senatus*, «o primeiro homem do Senado».

Porém, o perigo espreitava tal primazia. A sombra projetada por Cipião sobre os seus concidadãos era algo que não podia deixar de causar ressentimentos. O princípio orientador da República permanecia o que sempre tinha sido: que nenhum homem devia ter o poder supremo em Roma. Para os Romanos, a própria aparência de um magistrado servia de lembrete para as seduções e os perigos da monarquia. A púrpura que orlava a sua toga tinha sido originalmente a cor da realeza. Os «lictos», guarda-costas cujo dever era abrir-lhe caminho por entre a multidão, tinham outrora escoltado, de forma semelhante, Tarquínio, o *Soberbo*. As lanças e os machados que cada lictor levava nos seus ombros — os *fascas*, como eram conhecidos —, simbolizavam a autoridade de uma intimidadora extensão régia: o direito de infligir tanto a punição corporal como a capital.\* Um tal poder era algo fantástico e traiçoeiro. Só depois de tomadas as mais extremas precauções poderia alguém, numa república livre, ser confiável para o poder empunhar. Esta era a razão para que, na sequência da queda da monarquia, os poderes do rei banido tivessem sido atribuídos não a um único magistrado, mas a dois: os cônsules. Como um vinho forte, o esplendor do consulado e a glória eterna que trazia aos que a ganhavam, requeria uma prévia e cuidada diluição. Além de ser dado a cada cônsul o poder de vigiar o outro, a duração de um consulado era apenas de um ano. Porém, o prestígio desfrutado por Cipião desafiava qualquer um desses limites. Mesmo os mais importantes magistrados eleitos da República corriam o risco de se verem diminuídos perante isso. Como resultado, no Senado começaram a ouvir-se murmúrios contra o *Princeps*.

A verdade é que, na República, o esplendor sempre fora visto com profunda desconfiança. As rugas e a seriedade eram o que o povo romano esperava dos seus estadistas. A própria palavra «senator» derivava do latim para «homem velho». Mas a carreira meteórica de Cipião tinha começado a traçar-se numa idade escandalosamente jovem. Foi nomeado para o comando das legiões contra os Cartagineses, em Espanha, quando tinha apenas 26 anos. Ganhou o seu primeiro consulado

---

\* Os lictos não transportavam os machados dentro dos limites de Roma. Esse facto simbolizava o direito dos cidadãos de poderem recorrer das penas capitais.

apenas cinco anos depois. Mesmo a sua elevação à categoria de *Princeps Senatus* tinha chegado numa idade em que outros senadores, posicionados num patamar muito inferior ao seu, ainda procuravam entrar numa magistratura júnior. Forjar uma arrojada carreira de conquistas antes de começar a amadurecer era, naturalmente, o que Alexandre, o Grande, tinha feito de forma tão vibrante. Ressentidos, os senadores não se sentiam tranquilizados com este pensamento. Alexandre, afinal de contas, tinha sido um estrangeiro, e um rei. Reconhecido, como fora, pelas suas ambições a uma escala quase divina, para muitos senadores era inquietante que a autopromoção de uma figura tão incómoda pudesse ser imitada por um dos seus. Dizia-se que Cipião era filho de uma cobra que fecundara a sua mãe; que tinha saído vitorioso em Espanha graças à oportuna ajuda de um deus; que bastava atravessar o Fórum à noite para que os cães cessassem de ladrar. Apesar de ser *Princeps*, narrativas como estas davam-lhe um estatuto incomum.

E, como tal, intolerável. Em 187 a.C., quando Cipião regressou de uma campanha no Oriente, os seus inimigos esperavam-no. Acusaram-no de peculato. Mostrando os seus livros de contas perante o olhar de um Senado repleto, Cipião lembrou, com indignação, aos seus acusadores, todos os tesouros que tinha ganho para Roma. Mas tal não os moveu. Para não arriscar a humilhação de uma condenação, retirou-se definitivamente para a sua propriedade rural. Destroçado, ali morreria, em 183 a.C. O princípio fundamental da vida política na República tinha sido ilustrado de forma brutal: «que a nenhum cidadão deva ser permitida uma eminência tão formidável que o impeça de ser interrogado pelas leis.»<sup>12</sup> No final, mesmo a um homem tão grande como Cipião, o *Africano*, tinha sido impossível argumentar contra isso.

Os Romanos podiam ter sido criados por lobos, mas o futuro da República, e das suas liberdades, parecia assegurado.

## O grande jogo

Mas estaria?

De facto, Cipião tinha-se submetido às leis da República. Apesar disso, o seu enorme carisma dava a entender que a caminhada da

República para um estatuto de superpotência não se faria sem alguns obstáculos. Os oponentes de Cipião orgulhavam-se do seu inflexível provincianismo. Tinham como certo que os antigos usos e costumes de Roma eram os melhores. Mas os limites de tal conservadorismo eram cada vez mais aparentes. Cipião tinha sido meramente um primeiro exemplo. O acentuar do emaranhado de compromissos diplomáticos de Roma, a proficiência incomparável das suas legiões, e a sua recusa em tolerar sequer uma sugestão de desrespeito eram a combinação perfeita para que os seus líderes se sentissem tentados por ambições, literalmente, universais. Mais de um século após a morte de Cipião, o novo predileto do povo romano tinha ganho uma riqueza e uma celebridade nunca sonhadas pelas gerações anteriores. Pompeu Magno — «Pompeu, *o Grande*» — tinha uma carreira fundada na ilegalidade e no autoengrandecimento sensacionalista. Aos 23 anos, já tinha constituído o seu exército privado. Seguiu-se uma série de comandos territoriais prestigiantes e lucrativos. Uma carreira convencional não era para o homem a quem já tinham apelidado de «o jovem carniceiro»<sup>13</sup>. Surpreendentemente, conseguiu ganhar o seu primeiro consulado, com apenas 36 anos, sem nunca ter pertencido ao Senado.

Piores afrontas estavam para acontecer. O património da República seria espezinhado com arrogância. Em 67 a.C. foi dado a Pompeu um comando territorial que, pela primeira vez, abraçava todo o Mediterrâneo. Um ano mais tarde, conseguiria ir ainda mais longe, através da obtenção de uma carta-branca para impor o domínio direto sobre vastas e tentadoras áreas de territórios não anexados. Os limites orientais da Ásia Menor, designação dada pelos Romanos ao que hoje é a Turquia, e de toda a Síria foram «engolidos». Pompeu foi saudado como «O Conquistador de todas as Nações»<sup>14</sup>. Quando finalmente regressou a Itália, em 62 a.C., trazia mais do que glória no seu rasto. Reis eram seus clientes, e os seus reinos estavam à sua disposição para esmifrar. As suas legiões deviam lealdade, não à República, mas ao homem que lhes permitira ficar com os despojos do Leste: o seu triunfante general, o seu *imperator*. Quanto a Pompeu, ele não tinha tempo para falsas modéstias: vaidoso, cavalgava pelas ruas de Roma, numa pose semelhante a Alexandre, *o Grande*.

Ninguém, nem mesmo o mais amargurado conservador, poderia negar a sua preeminência. «Todos e cada um reconhecem o seu inigualável estatuto de *Princeps*.»<sup>15</sup> Ao contrário de Cipião, Pompeu não devia este título a qualquer votação do Senado. Em vez disso, como o incenso que trouxera do Oriente nas ruidosas caravanas, a sua *au-toritas* suspendia-se sobre Roma, densa, perfumada e intangível. A duração e o âmbito da campanha de Pompeu escarneciam dos ritmos tradicionais da política e da vida na República. A perspectiva de partilhar os seus comandos com um colega, ou de aceitar a sua limitação a um único ano, nunca passou pela sua cabeça. Qual era o Senado capaz de fazer claudicar «o domador do mundo»<sup>16</sup>? Pompeu tinha garantido as suas vitórias, não apesar, mas devido à sua criminalidade. As implicações eram bastante inquietantes. Leis que tão bem tinham servido Roma nos seus tempos de provincianismo, começavam de forma palpável, agora que governava o mundo, a serem deformadas. Os mesmos reis que rastejavam e se encolhiam nas caravanas de Pompeu, apenas serviam para demonstrar que proveitos deslumbrantes podiam ser oferecidos a um cidadão preparado para desprezar as veneráveis salvaguardas contra a monarquia. A grandeza de Roma, muito estimada pelos seus cidadãos como o fruto da sua liberdade, parecia estar a ameaçar a República com a decadência das suas liberdades.

Só que Pompeu, apesar da sua força, não desejava impor-se aos seus concidadãos através da ponta de uma espada. Apesar da sua avidez pelo poder e pela fama, havia limites que nem ele se atrevia a ultrapassar. Uma preponderância que não fosse respaldada pela aprovação dos seus pares era uma preponderância que não valia a pena ter. O despotismo militar estava fora de questão. A grandeza, na República, nada representava a não ser que fosse determinada pelo respeito do Senado e do povo romano. Pompeu queria tudo isso. E foi isso que proporcionou aos seus inimigos a sua oportunidade. Embora demasiado intimidados pelos recursos disponíveis do novo *Princeps* para o poderem acusar, podiam no mínimo negar-lhe a cooperação. O resultado foi o marasmo. Pompeu, para sua surpresa e indignação, viu as suas medidas serem bloqueadas no Senado, as suas decisões ficarem por ratificar e os seus feitos ridicularizados e rejeitados. A política a funcionar? Era isso o que os

inimigos de Pompeu ousavam esperar. Mantinha-se a única constante na vida da República. Ninguém estava acima do Senado.

No entanto, alguns dos principais rivais de Pompeu, ao analisarem a crise que afetava a cidade, fizeram-no de forma mais impiedosa e predatória. À semelhança dos seus colegas senadores, o espetáculo de um concidadão que mantinha o Leste subjugado despertava amargos sentimentos de ciúme e medo; contudo, também reconheciam que isso representava o alvorecer de uma nova e inebriante era de possibilidades. Num ápice, um mero consulado tinha deixado de ser a ambição de um Romano. As instituições da República já não chegavam para saciar o apetite. As recompensas à escala global pareciam estar agora, e de forma tentadora, ao alcance: «o mar, a terra, o caminho das estrelas»<sup>17</sup>. Bastava somente ter a coragem de estender a mão e agarrá-las.

Em 60 a.C., à medida que os inimigos de Pompeu continuavam a rosar e a morder os calcanhares do grande homem, dois dos mais formidáveis manipuladores de Roma engendravam uma audaciosa manobra. Marco Licínio Crasso e Caio Júlio César eram homens cuja inveja do *Princeps* apenas era superada pela sua determinação em imitá-lo. Ambos tinham boas razões para ambicionar algo mais elevado. Crasso há muito que era como uma aranha no coração de uma monstruosa teia. General com provas dadas e ex-cônsul, a sua *auctoritas* era, no entanto, produto de cautela e brilhantismo. Como Pompeu, tinha-se apercebido de que as mais seguras fontes do poder em Roma já não eram as tradicionais. Embora perfeitamente à vontade nos palcos da vida pública, o seu verdadeiro talento estava nas manobras de bastidores. Mais rico do que qualquer Romano alguma vez sonhara, e com uma coerente e infinita capacidade para o oportunismo, Crasso tinha aplicado a sua aparente inesgotável riqueza para ludibriar uma geração completa de homens em formação. A maioria dos que nela se enredou, depois de aceitar os seus favores, rapidamente descobriu que era impossível voltar atrás. Só um homem com um raro talento político se conseguiria libertar e emergir como jogador de pleno direito.

Esse homem era César. Em 60 a.C. tinha 40 anos: o herdeiro de uma família antiga mas enfraquecida, conhecido pelo luxo perdulário e por enormes dívidas. Porém, ninguém, nem mesmo seus inimigos — que eram muitos —, negavam os seus talentos. Charme fundido

com crueldade, com uma pitada de determinação, era uma combinação explosiva. Apesar de ser claramente inferior a Crasso, e ainda mais a Pompeu, no que a recursos e reputação dizia respeito, o que César tinha para oferecer era a capacidade de segurar com firmeza as rédeas do poder. Em 59 a.C. foi-lhe proporcionado servir como um dos dois cônsules eleitos da República. Com o respaldo conjunto de Pompeu e Crasso, e recorrendo às suas inefáveis qualidades de encanto e firmeza, conseguiria — mesmo que ilegalmente — neutralizar o seu colega consular. O consulado seria, na realidade, o de «Júlio e César»<sup>18</sup>. Ele e os seus dois aliados seriam então capazes de impor toda uma lista de medidas. Pompeu, Crasso, César: um trio propenso a lucrar esplendidamente com a sua parceria tricéfala.

E assim foi. As gerações subsequentes distinguiriam no nascimento deste «triumvirato» um desenvolvimento tão fatídico quanto sinistro: «O forjar de uma conspiração para aprisionar a República.»<sup>19</sup> Na verdade, os três poderosos não faziam nada que políticos de maior peso não tivessem já feito durante séculos. Em Roma, os assuntos sempre foram conduzidos através de alianças e do enfraquecimento dos rivais. No entanto, o consulado de Júlio e César constituir-se-ia, efetivamente, como uma marca fatal na sua história. Quando os capangas de César despejaram um balde de fezes sobre o cônsul rival e espancaram os seus oficiais, levando-o a retirar-se, anunciava-se um ano de tão evidentes ilegalidades que nenhum dos conservadores jamais esqueceria ou perdoaria. Apesar dos acordos impostos por César terem servido tanto os seus interesses como os dos seus dois aliados, as culpas viriam a recair principalmente sobre o cônsul. Os seus inimigos estavam agora visceralmente empenhados na sua destruição. De forma não menos apaixonada, César estava empenhado na procura de grandeza.

Compreende-se assim que, enquanto cônsul, se tenha assegurado de reservar para si a mais esplêndida apólice de seguro possível: uma governação de largo alcance. Na primavera de 58 a.C. César dirigiu-se para norte, para assumir o comando de três províncias: uma na região dos Balcãs, outra na fronteira norte da Itália, e a terceira no lado mais distante dos Alpes, no sul da Gália. Aqui, podia sentir-se protegido dos seus inimigos. Estava proibido que qualquer magistrado do

povo romano fosse levado a julgamento — e o ultrajante mandato de cinco anos de César como governador tinha sido constitucionalmente fixado. A seu devido tempo, acabaria por ter o dobro da duração.

César pode ter sido o parceiro menor de Pompeu e Crasso — mas nenhum destes conseguiu tirar proveitos mais promissores de tal aliança do que o novo governador da Gália. A valia de uma década de imunidade era apenas o começo. Igualmente inestimáveis eram as oportunidades que se ofereciam para a obtenção de glória. Para lá dos Alpes e dos limites do poder romano, estabeleciam-se os confins da *Gallia Comata*, a «Gália dos cabelos compridos». Aqui habitavam imensas hordas de bárbaros: guerreiros de cabelos eriçados e seminus, muito propensos a espetar as cabeças dos seus inimigos em lanças e a beber-lhes o sangue. Durante séculos, tinham encarnado os piores pesadelos da República; mas César, de forma corajosa, brilhante e ilegal, mal chegou à Gália logo se preparou para a conquistar. As suas campanhas foram devastadoras. Ao que se dizia, um milhão de pessoas terá perecido durante o seu curso. Um milhão mais foi escravizado. Durante uma década, o sangue e o fumo pairaram sobre toda a Gália. No fim do mandato de César como governador, todas as tribos, do Reno ao Oceano, tinham sido vergadas sob a sua espada. Até mesmo os Germanos e os Bretões, selvagens que viviam na orla do mundo e cuja destreza era tão proverbial como exótica, tinham aprendido a respeitar as armas romanas. Entretanto, na capital, os concidadãos de César empolgavam-se com a exuberância da magnanimidade do seu novo herói e as sensacionais notícias das suas façanhas. O próprio César, enriquecido pela fama e pelos saques, e com um exército de legiões amadurecidas pelas batalhas à sua retaguarda, ganhou em 50 a.C. uma *auctoritas* capaz de rivalizar com a de Pompeu. Os seus inimigos no Senado, que contavam os dias que faltavam para que deixasse o governo, sabiam agora que, mais do que nunca, não podiam dar-se ao luxo de perder a sua oportunidade.

Para César, o conquistador da Gália, era intolerável a perspectiva de ser atormentado nos tribunais por um bando de pigmeus. Ao invés de sofrer tamanha humilhação, a sua intenção era a de passar diretamente do comando provincial para um segundo consulado. Mas para o conseguir precisaria de aliados, e muito tinha mudado em Roma

durante sua ausência. A força do Triunvirato estava nos seus três pilares e, em 50 a.C., um deles tinha desaparecido. Quatro anos antes, Crasso tinha partido para a Síria. Desesperado para seguir as pisadas de Pompeu e César, conseguiu o comando das legiões contra os Partos, o único povo no Médio Oriente que ainda tinha presunção suficiente para desafiar a hegemonia romana. A expedição prometia esplêndidos saques, suficientes para satisfazer mesmo o mais notável dos avaros de Roma. Os Partos governavam um império fabulosamente rico. Estendia-se do Oceano Índico, o «mar das pérolas»<sup>20</sup>, até às terras altas da Pérsia, onde, de acordo com os relatos, havia uma montanha inteiramente de ouro, e até à Mesopotâmia, onde incontáveis luxos — sedas, perfumes e taças aromáticas — estavam disponíveis nos seus bem abastecidos mercados.

Infelizmente, os Partos não eram apenas ricos, mas também dissimulados. Ao invés de combates frontais, preferiam atirar flechas a partir da sua cavalaria, em permanentes movimentações de rotação, avanços e recuos. Os invasores, sobrecarregados e suados, viram-se impotentes contra essa tática efeminada. Em 53 a.C., na fronteira da Mesopotâmia, encurralado numa planície abrasadora nos arredores da cidade de Carras, Crasso e 30 mil dos seus homens foram dizimados. As águias, representações em prata da ave sagrada de Júpiter que serviam de símbolo e estandarte de cada legião, tinham caído em mãos inimigas. O mesmo aconteceria à cabeça de Crasso, que acabaria como troféu na corte do Império Parta. Descobriu-se que ousar nem sempre significava ganhar.

No que a Roma dizia respeito, os danos sofridos pela derrota em Carras foram ainda mais graves do que à primeira vista tinha parecido. Tinha sido um duro golpe que ameaçava a estabilidade de toda a República. Com o desaparecimento de Crasso, o número de jogadores no grande jogo da política romana diminuía num momento perigoso. Já não eram apenas os conservadores, decididos a preservar o funcionamento do Estado e as suas tradições, que se sentiam ameaçados pelo brilho dos feitos de César. O mesmo sentia o seu parceiro sobrevivente no Triunvirato — Pompeu, o *Grande*. À medida que César e os seus inimigos em Roma manobravam, num crescente desespero, para obter vantagem, ambos estavam em concorrência direta pelo

apoio do *Princeps*. Esta situação, embora contribuísse para alimentar o ego do homem, também o deixava subtilmente enfraquecido. César ou os inimigos de César? Estes eram os termos da mais difícil escolha a que Pompeu alguma vez se obrigara, determinada pelo seu antigo e mais jovem parceiro. Assim, no fim, a rutura entre os dois homens era, quiçá, inevitável. Em dezembro de 50 a.C., quando um dos dois cônsules desse ano se deslocou a casa de Pompeu nos arredores de Roma, lhe entregou uma espada e o incitou a empunhá-la contra César em defesa da República, Pompeu respondeu que o faria — «se não houver alternativa.»<sup>21</sup> Esta resposta dava a entender que não havia. César, entre a escolha de se submeter à lei e entregar o seu comando, ou de se manter firme na defesa da sua *auctoritas*, declarando a guerra civil, nem hesitou. A contenção de Cipião não condizia com ele. A 10 de janeiro de 49 a.C., com uma das suas legiões, atravessou o Rubicão, um pequeno rio que marcava a fronteira da sua província com a Itália. Os dados estavam lançados. «O reino fora dividido pela espada; e o destino do Império, que tinha o mar, a terra e o mundo inteiro na sua posse, era inadequado para dois.»<sup>22</sup>

## À espera de um herói

A aptidão do povo romano para matar, que lhe proporcionara o domínio universal, virava-se agora sobre si mesmo. As legiões confrontavam-se e «o próprio mundo estava a ser mutilado.»<sup>23</sup> A guerra, lançada por César com a travessia do Rubicão, duraria mais de quatro anos e estender-se-ia entre os dois extremos do Mediterrâneo. Nem mesmo a derrota de Pompeu no campo de batalha, e o seu subsequente assassinato e decapitação durante a fuga ao seu vitorioso rival, puseram fim ao conflito. Desde África até Espanha, a matança continuou. Pompeu, «o seu tronco poderoso decapitado numa praia»<sup>24</sup>, era apenas o mais proeminente dos muitos que foram transformados em pó em terras estrangeiras. A herança das tradições e das leis que tinha levado o povo romano a estar unido em torno de um propósito comum nada significava para os soldados, que apenas procuravam recompensas, não de antigas noções de bem comum, mas para o comandante que os liderava. Cativos

foram arremessados das muralhas ou viram as suas mãos amputadas. Cadáveres de Romanos recém-abatidos eram usados por outros Romanos como barreiras defensivas. Os legionários, como se fossem meros Gauleses, espetavam as cabeças dos seus compatriotas nas lanças. Foi a este ponto que chegaram os laços da cidadania.

Para aqueles cujas terras tinham sido arrasadas, não era grande surpresa que essas alcateias rivais se canibalizassem umas às outras. Os chefes das províncias há muito que tinham formulado a sua opinião acerca das origens dos seus superiores. Compreendiam melhor do que os herdeiros de Rómulo o que significava ser criado por uma loba. As histórias, que para o povo romano sempre tinham sido um motivo de orgulho, ganhavam agora uma luz muito diferente, quando vistas através dos olhos dos vencidos. As prolongadas hostilidades tinham servido para denegrir cada vez mais as tradições nascidas em Roma. Dizia-se que Rómulo, no alto do monte Palatino, não vira águias, mas abutres a caminho de se banquetearem de cadáveres; que os primeiros Romanos eram «bárbaros e vagabundos»<sup>25</sup>; que Remo, em vez de abnegadamente ter oferecido a sua própria vida para o bem da cidade, tinha, de facto, sido assassinado pelo seu irmão. «Afim, que tipo de pessoas são os Romanos?»<sup>26</sup> A esta pergunta, repetidamente formulada por aqueles que os odiavam e temiam, já nem os próprios Romanos conseguiam dar uma resposta credível. E se os seus inimigos tivessem razão? E se Rómulo tivesse mesmo matado o irmão? E se estivesse destinado ao povo romano repetir o crime primordial do seu fundador, até que a ira dos deuses tivesse sido satisfeita e o mundo se afogasse em sangue? Afim, o fratricídio não era fácil de apaziguar. Até os soldados embrutecidos por anos de conflito sabiam disso. Na primavera de 45 a.C., quando César avançava nas planícies do sul de Espanha para enfrentar o último dos exércitos que se dirigia ao seu encontro, os seus homens capturaram um dos inimigos, e descobriram que o prisioneiro tinha matado o seu próprio irmão. Os soldados ficaram tão revoltados com este crime que o espancaram até à morte. Dias depois, numa vitória que podia, finalmente, considerar-se como conclusiva, César massacrou de tal forma os seus oponentes, que 30 mil dos seus concidadãos foram deixados no campo de batalha para que as moscas neles se banquetearassem.

Contudo, as perdas de Roma não deviam apenas ser medidas pelo número de baixas. Tinham sido causados incalculáveis danos aos órgãos vitais do Estado. O próprio César, cujo temperamento era pouco dado a sentimentalismos, reconhecia isso mais claramente do que ninguém. Num momento de indiscrição, escarneceu que a República não passava de «um mero nome, sem forma ou substância»<sup>27</sup>. Apesar de se ter imposto como senhor indiscutível do mundo romano, ainda tinha de andar com cuidado. As sensibilidades dos seus concidadãos não tinham sido ofendidas de forma ligeira. Muitos deles, no meio das tempestuosas ruínas daqueles tempos, agarraram-se às garantias fornecidas pelas heranças do passado como náufragos a destroços.

Ao regressar a Roma dos campos de extermínio da Espanha, César optou por investir dinheiro para enfrentar o problema. Cortejou o povo romano com entretenimentos espetaculares e promessas de grandes projetos. Promoveu festas públicas em que muitos milhares de cidadãos eram presenteados com banquetes; um desfile noturno de pesados elefantes com tochas acesas nos seus dorsos; elaborou um plano para redirecionar o rio Tibre. Ao mesmo tempo, César trabalhava para cativar os seus inimigos no Senado — não tão fáceis de comprar —, com extravagantes gestos de perdão. A sua disposição em perdoar os adversários, de os apoiar para as magistraturas e de os lisonjear com cargos militares, era algo que até os seus mais ferrenhos inimigos admiravam. Com afabilidade, ordenou o restauro das estátuas de Pompeu, que tinham sido derrubadas e destruídas pelos seus partidários.

No entanto, havia neste exercício de clemência algo mais do que uma lufada daquilo que muitos dos seus pares ressentiam e detestavam nele. Apesar de ter sido misericordioso, pois a misericórdia era, adequadamente, a virtude de um senhor, César não sentiu qualquer necessidade de pedir desculpas pelo seu domínio. Uma penetrante inteligência, combinada com os hábitos criados pelos feitos alcançados sob o seu comando, convenciam-no de que só ele possuía a solução para o que, de outro modo, parecia ser uma crise insolúvel. As tradições da República, onde se presumia que nenhum cidadão devia exercer uma permanente supremacia sobre os demais, eram claramente difíceis de conciliar com essa convicção. César não tinha ganho a predominância de Roma para a compartilhar agora com homens que

desprezava. Assim, procurando encobrir o que, de outro modo, corria o risco de parecer abertamente despótico, fez o que decisores políticos romanos, não importa quão radicais ou audazes, invariavelmente fizeram quando confrontados com um desafio: olhou para o passado. Aí, enterrado nos venerandos arquivos da República, encontraria um precedente potencialmente bem adaptado às suas necessidades. De facto, já existiam disposições legais para que um cidadão pudesse exercer a autoridade suprema sobre o povo romano durante um momento de crise. O cargo era designado de *Ditactor* (Ditador). César dar-lhe-ia uma nova aparência. Seria necessário apenas um único ajuste para adequar a ditadura às suas exigências: o antigo escrúpulo que decretava que a nenhum cidadão devia ser confiado o cargo por mais de seis meses, tinha naturalmente de desaparecer. Antes de partir para Espanha, César já tinha sido nomeado para o cargo por dez anos. No início de fevereiro de 44 a.C., conseguiu algo ainda melhor. Um decreto do Senado nomeava-o «Ditador Vitalício».

Para os cidadãos esperançosos na renovação das antigas virtudes do seu povo e no sarar das feridas da guerra civil, este era um momento portentoso e arrepiante. O novo cargo de César bem podia ser funcional — mas era isso precisamente o que o tornava tão ameaçador. Não eram apenas os pares do ditador, cujas perspetivas em atingir os píncaros políticos estavam agora definitivamente bloqueadas até que César morresse ou fosse destituído, que eram suscetíveis de o considerar funesto. O mesmo acontecia com todos aqueles que se sentiam nervosos e confusos com as calamidades que tinham desabado sobre a sua cidade. Afinal, a ditadura perpétua tinha implícita a crise perpétua. «O povo romano, cujos imortais desejam que governe o mundo, escravizado? Impossível!»<sup>28</sup> Contudo, isso era claramente possível. Perder-se o favor dos deuses. Os fios dourados que ligavam o presente ao passado pareciam ter-se quebrado. A providência que tinha propiciado a grandeza de Roma parecia agora insubstancial e ilusória, e a própria cidade, a sede do Império, degradada. A ditadura perpétua negava ao povo romano o que parecia ser direito seu desde a nascença, desde que Rómulo subira pela primeira vez o Palatino: a autoconfiança.

É provável que até o próprio César tenha sido vítima de uma certa ansiedade. Apesar do seu desdém crescente pela República e as suas

tradições, não menosprezava a aura maravilhosa que rodeava a sua cidade. Além da Casa do Senado e da confusão de um Fórum a abarrotar, ele tinha usado as riquezas dos saques da Gália para construir um segundo fórum mais pequeno; e aqui, no centro da vanguarda do desenvolvimento da cidade, abriu um portal para a fabulosa pré-história de Roma. Um templo revestido a mármore polido, um edifício repleto de assombrosos brilhos e invulgares reflexos. Em tempos, antes da República, antes da monarquia, antes mesmo de Remo e Rómulo, tinha havido um príncipe de Troia; e este príncipe Troiano era filho de Vénus, a deusa do amor. A Eneias, como convinha a um homem com sangue imortal a correr-lhe nas veias, tinha sido confiado, pelos deuses, um destino verdadeiramente espetacular. Quando Troia, depois de um cerco de dez anos, caíra por fim nas mãos dos Gregos e foi incendiada, Eneias não se deixou intimidar. Carregou aos ombros o seu idoso pai, que fora amante de Vénus, e depois de reunir um grupo de compatriotas refugiados, fugiu da cidade em chamas. A seu tempo, e depois de inúmeras aventuras, ele e o seu grupo de aventureiros troianos chegaram à Itália. Aqui criariam novas raízes. Era de Eneias que descendia a mãe de Remo e Rómulo. Isso significava que também os Romanos descendiam dele — eram «Eneidas»<sup>29</sup>. O novo templo de César, dedicado à divina mãe do príncipe de Troia, representava para os seus desgastados e desmoralizados compatriotas, a oportunidade de se tranquilizarem quanto à sua esplêndida linhagem.

Mas era algo mais. Vénus era, na opinião de César, sua ancestral — sua *genetrix*. A sua família, os Julianos, reivindicava uma linha direta de consanguinidade. O filho de Eneias, diziam, chamara-se a si mesmo Julius: um pormenor genealógico que, naturalmente, consideravam ser relevante. Outros não tinham tanta certeza. Mesmo os que não o contestavam abertamente estavam inclinados para o agnosticismo. «A tal distância temporal, quem poderia afinal ter certezas sobre o que aconteceu?»<sup>30</sup> César, porém, com o seu templo a Vénus Genetrix, acabaria com as discussões. Os Romanos eram o povo escolhido, e ele o Romano por excelência.

Que César era, de facto, um homem cujos talentos ultrapassavam «os estreitos limites comuns a qualquer homem»<sup>31</sup>, e cujas energias, por mais monstruosas que fossem, possuíam um poder quase divino,

era uma verdade tão evidente que nem mesmo os seus mais ferrenhos inimigos a podiam negar. O templo a Vénus Genetrix espelhava a imagem de César e a dos tempos desaparecidos em que os deuses dormiam com os mortais, desfocando assustadoramente os limites entre ambos. Perto da escadaria, ao lado dos repuxos permanentes de duas fontes, erguia-se uma estátua de bronze do seu cavalo.\* Este animal notável, cujos cascos dianteiros eram exatamente como as mãos de um homem, só poderia ter sido montado por um herói e, de facto, «ter-se-á recusado a que mais alguém o montasse»<sup>32</sup>. Depois, no interior do templo, brilhando no meio das suas sombras, estava a lembrança de outro aspeto épico da carreira de César. Em 48 a.C., no meio da guerra civil, encontrou-se com o governante da única monarquia grega que a República permitira subsistir numa independência nominal, mesmo que apenas honorífica: Cleópatra, a rainha do Egito. César, que acreditava que «a cavalo dado não se olha o dente», de pronto a engravidou. Esta conquista, que proporcionaria aos seus inimigos sorrisos lascivos, estava agora posicionada adequadamente na luminosidade gloriosa do templo. Era por isso que, compartilhando o templo de Vénus Genetrix com uma estátua da deusa, estava um bronze dourado de Cleópatra. Assim como Eneias, o pai do povo romano, vivera numa época em que os heróis dormiam por direito com rainhas no meio das convulsões de grandes guerras e dos destroços das nações, também, como se revelava, o fizeram os contemporâneos de César. Sendo Ditador, era considerado como algo mais. Na sua opinião, o seu desdém pela República proporcionava-lhe uma maior antiguidade, confirmando-o como um herói das antigas epopeias.

No dia 15 de fevereiro, poucos dias após a nomeação de César como «Ditador Vitalício», surgiu a oportunidade perfeita para colocar à prova este conceito. Era uma data importante, ao mesmo tempo alegre e assombrada. Como tantas no calendário romano, era uma festividade repleta de emoções, marcada também pelos mortos, que se erguiam dos respetivos túmulos e perambulavam pelas ruas. A multidão juntava-se bem cedo. As pessoas apinhavam-se ao longo do Fórum, ou

---

\* A estátua era originalmente do cavalo de Alexandre. César trouxe-a para Roma, proveniente da Grécia, e substituiu a cabeça de Alexandre pela sua.

então reuniam-se no lado mais distante do monte Palatino, junto à caverna onde Remo e Rómulo tinham há muito sido alimentados pela loba: a «Lupercal»\*. À entrada da caverna, sob os ramos da figueira sagrada, homens untados conhecidos como *Luperci*, cuja nudez estava coberta apenas por uma tanga de pele de cabra, tremiam com a brisa do inverno. Também de pele de cabra eram as correias que seguravam nas mãos, e à visão das quais as mulheres na multidão mais abaixo, muitas delas despidas até à cintura, invariavelmente enrubesciam quando eles as acenavam na sua direção. Naturalmente, era necessário um bom físico para usar tanga, especialmente em fevereiro. E, de facto, a maioria dos homens era composta por jovens bem constituídos. Mas nem todos. Um dos *Luperci* teria quase 40 anos, e era, nem mais nem menos, um cônsul. O espetáculo dado por um magistrado romano «nu, untado e bêbado»<sup>33</sup> era suficiente para chocar todos os que se preocupavam com a dignidade da República. Não que o cônsul se importasse muito. Marco António sempre gostara de passar os limites do conveniente. Ainda atraente para a sua idade, ele era um homem que valorizava os seus prazeres. Mas mais significativo, era que tinha olho para os vencedores. Marco António tão bem servira César na Gália e durante a guerra civil, que tinha sido nomeado como lugar-tenente do Ditador. Preparava-se agora para prestar outro serviço. Marco António sabia que César esperava no outro lado do monte Palatino, no Fórum, sentado num trono de ouro. Não havia tempo para atrasos. Tudo estava preparado. Cabras e um cão tinham sido oferecidos em sacrifício. O seu sangue tinha sido besuntado na testa de dois rapazes e de imediato limpo; os dois rapazes, como lhes tinha sido pedido para fazer, desataram a rir selvaticamente. Era hora. Hora de comemorar a Lupercália.

Quando os homens com as suas exíguas tangas começaram a espalhar-se a partir do Lupercal e a correr à volta dos contrafortes do monte Palatino, o seu trajeto levava-os a mergulhar profundamente nos mistérios do passado da sua cidade. Chicoteando as mulheres

---

\* Varro, o mais erudito dos estudiosos Romanos, explicou que a loba devia ser identificada com uma deusa chamada Luperca. Em latim, «lupa pepercit» significava «a loba que os poupou».

seminuas ao passar, fazendo-o com tanta força que lhes provocavam vergões ensanguentados, os *Luperci* agiam em obediência a um oráculo com mais de dois séculos. «O bode sagrado deve penetrar as mães da Itália»<sup>34</sup>. Caso contrário, toda a gravidez estava condenada a acabar em nados-mortos. Era por isso que, na Lupercália, as mulheres se ofereciam voluntariamente para serem chicoteadas. Afinal, sempre era melhor ferir a pele do que ser penetrada por um bode de diferente tipo. Contudo, as origens da Lupercália eram ainda mais antigas do que o oráculo. Correndo ao longo do Fórum, os *Luperci* aproximavam-se de uma segunda figueira que servia de marca ao centro nevrálgico da política da cidade, um espaço aberto onde os Romanos tradicionalmente se reuniam: o *Comitium*. Era aqui que se situava a Casa do Senado; e aqui se erguera, na fundação da República, a plataforma dos oradores, a *Rostra*. Nesse tempo, já o *Comitium* era incrivelmente antigo. Havia quem reivindicasse que a figueira que estava ao lado da *Rostra* teria sido aquela sob a qual Remo e Rómulo tinham sido amamentados pela loba, transplantada de forma mágica do Palatino por um taumaturgo do tempo dos reis. A confusão era reveladora. As memórias que os Romanos tinham do seu passado eram um redemoinho de paradoxos. Agora, enquanto os *Luperci* corriam com suas tangas de pele de cabra de uma figueira para outra, esses mesmos paradoxos voltavam, de forma arrepiante, a ganhar vida. Num dia em que os seres humanos se confundiam com os lobos, o carnal com o sobrenatural, a Roma ansiosa da ditadura de César com a cidade fantasma dos reis, quem poderia dizer o aconteceria?

Marco António, que corria junto aos restantes *Luperci* ao longo do Fórum, parou perante o *Comitium*. Também aqui os operários de César tinham andado atarefados. A área da Casa do Senado, incendiada durante um motim que acontecera oito anos antes, ainda estava coberta de andaimes. Outros monumentos, muitos deles antiquíssimos, tinham sido arrasados para abrir caminho a um pavimento reluzente. A *Rostra*, que também tinha sido demolida, fora completamente reconstruída e revestida com uma elegante policromia. Marco António aproximou-se. Era aqui que César, sentado, esperava. Enquanto Ditador do povo romano, era apropriado que presidisse à Lupercália entronizado entre as obras de construção e o mármore brilhante, marcos públicos da sua

determinação para renovar o Estado. O que não significava, é claro, que ele tivesse como objetivo estabelecê-lo sobre novas fundações — muito pelo contrário. Que melhor dia do que a Lupercália, quando a juventude de Roma corria como lobos, para recordar ao povo romano que as suas raízes históricas eram muito anteriores à República? Para o assinalar, César vestira-se para a festa com o antigo traje dos reis da cidade: toga púrpura e botas de cano alto de couro vermelho. Marco António, agora chegado ao *Comitium*, parou em frente ao Ditador, subiu até à *Rostra* e estendeu o que faltava para completar o conjunto: o símbolo final da monarquia — um diadema de louro entrelaçado.

Instalou-se um silêncio de chumbo, interrompido por alguns aplausos desconexos que saudaram o gesto. Então, César, depois de uma pausa, empurrou o diadema para longe — e por todo o Fórum ecoou um estrondoso aplauso.

De novo, Marco António tentou colocar o diadema no Ditador; e, novamente, o Ditador recusou. «E assim a tentativa fracassou»<sup>35</sup>. E César, erguendo-se, ordenou que o diadema fosse entregue a Júpiter — «pois em Roma não haveria outro rei.»<sup>36</sup>

E tinha razão. Apesar das insuficiências palpáveis da sua agressiva ordem política, e não obstante as muitas calamidades que tinham transformado a República em algo sangrento e desconfigurado, o povo romano nunca iria permitir que um mortal o governasse como rei. A palavra permanecia inalterada: «não suportariam sequer que fosse mencionada»<sup>37</sup>. César, ao reivindicar uma ditadura perpétua, e ao obscurecer os seus companheiros senadores de forma tão absoluta, assinara a sua própria sentença de morte. Exatamente um mês após o festival da Lupercália, no dia 15 ou «Idos» de março, foi derrubado por uma chuva de punhais numa reunião do Senado. O líder e mentor da conspiração era Bruto, um descendente do homem que tinha expulsado Tarquínio e acabado com a monarquia. Bruto e os seus companheiros assassinos mataram César em nome da liberdade, e acreditavam piamente que a sua morte seria suficiente para salvar a República. Outros, vendo com mais clareza, eram mais cétricos. Temiam que o assassinato de César nada resolvesse. «Se um homem com o seu génio foi incapaz de encontrar uma saída», perguntou um deles, «quem a vai encontrar agora?»<sup>38</sup> E se a crise não tivesse solução? E se a própria Roma estivesse acabada?

Talvez até mais do que Roma. Nos agitados dias e semanas que se seguiram ao assassinato de César, a prova de uma desgraça aparentemente cósmica podia observar-se nos céus. Os dias começaram a escurecer. O sol perdeu-se atrás de uma escuridão ferida e arroxeadada. Alguns, como Marco António, acreditavam que o astro desviava o olhar, horrorizado com «a injustiça cometida contra César.»<sup>39</sup> Outros, de forma ainda mais sombria, temiam que fosse a retribuição pelos crimes de toda uma era, e o início de uma noite eterna. Estas ansiedades intensificar-se-iam ainda mais quando um cometa em chamas foi visível no céu durante sete dias seguidos.\* O que é que isso significava? Uma vez mais, havia uma variedade de opiniões. Imediatamente a seguir à morte de César, multidões em pranto tinham erguido no Fórum um altar em sua homenagem; e agora, quando a estrela de fogo riscava o céu, ganhava peso a convicção de que era a alma do Ditador morto que subia aos céus, «onde seria recebida entre os espíritos dos deuses imortais.»<sup>40</sup> Outros, porém, não ficaram convencidos. Os cometas, afinal, eram coisas perniciosas. Os leitores do futuro, experientes na interpretação de tais maravilhas, não tinham dúvidas de que era o presságio de que algo terrível iria acontecer. Terminava uma era, o mundo aproximava-se do fim. Um adivinho, que avisava estar proibido à humanidade conhecer a dimensão completa dos horrores que rapidamente se aproximavam, e que a revelação dos mesmos lhe custaria a vida, fez, mesmo assim, os seus prognósticos — caindo fulminado, logo a seguir.

Entretanto, em Roma, nos acampamentos dos legionários e em várias cidades do Império, homens decididos proferiam belas palavras e, metodicamente, planeavam a guerra.

E o uivar dos lobos, no alto das cidades, ecoava na noite.

---

\* São, pelo menos, nove as fontes que mencionam a data deste cometa durante a semana das cerimónias fúnebres de César — o que, a ser verdade, terá aumentado, de forma incomensurável, o seu impacto.

O RETRATO DA FAMÍLIA QUE  
TRANSFORMOU O IMPÉRIO ROMANO  
PARA SEMPRE

Augusto • Tibério • Calígula • Cláudio • Nero

Primeiro governada por reis, Roma tornar-se-ia uma república. Mas no fim, após conquistar o mundo, a república desmoronou-se. Roma afogou-se em sangue. As guerras civis foram tão terríveis, que o povo romano acolheu de bom grado o governo de um autocrata que lhes poderia dar a paz. «Augusto», o seu novo senhor, intitulava-se «O Divino Favorito».

O fantástico esplendor da dinastia fundada por Augusto nunca esmoreceu. Nenhuma outra família se compara em fascínio com a sua galeria de personagens: Tibério, o grande general que acabou os seus dias como um recluso amargurado, célebre pelas suas perversões; Calígula, o mestre da crueldade e humilhação; Agripina, a mãe de Nero, cujas manobras levaram o filho ao poder, e que acabaria por morrer por ordem dele; Nero, que pontapeou a mulher grávida até à morte, que se casou com um eunuco, e que ergueu um palácio de prazer no centro dos escombros de uma Roma destruída pelo fogo.

«Um livro empolgante, escrito por um dos mais populares historiadores britânicos. Absolutamente vertiginoso.»

*Tim Stanley, History Today*

«Um relato magistral desse primeiro e perverso século do Império Romano.»

*Adam Nicolson, Sunday Times*

voais

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-6684-17-4



9 789896 684174

História